



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

MENINAS *dos* **OLHOS** *de* **DEUS**

Um livro infantil

REBECA AVELAR GUILLARDI PEIXOTO

Orientador: Wagner Antonio Rizzo

Brasília - DF,
Junho de 2017

MENINAS dos OLHOS de DEUS

Um livro infantil

Memorial descritivo apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda. Orientação: Wagner Antonio Rizzo.

REBECA AVELAR GUILLARDI PEIXOTO

Brasília - DF,
Junho de 2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

Meninas dos Olhos de Deus

Projeto experimental apresentado à Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Wagner Antonio Rizzo Orientador

Professora Dra. Selma Regina Nunes Oliveira Membro 1

Professor Rafael Dietzsch Membro 2

Professor Suplente Luciano Mendes de Souza

BRASÍLIA-DF, JUNHO DE 2017

RESUMO

O presente projeto experimental propõe uma reflexão quanto à representatividade feminina em livros infantis, em especial as Bíblias infantis, e o papel da literatura infantil e da relevância desses conteúdos para a formação do conjunto de valores e da subjetividade das crianças. A sub-representatividade de mulheres e meninas em obras voltadas para as crianças podem contribuir diretamente com as disparidades de gênero já presentes na sociedade e com o senso de inferioridade feminina, uma vez que outros padrões de desigualdade já estão presentes em outros aspectos do cotidiano da criança, como desenhos animados, filmes, jogos, etc. O produto final resultante da pesquisa é um livro infantil ilustrado para crianças de 3 a 6 anos de idade com duas personagens mulheres da Bíblia: Débora e Rute.

PALAVRAS-CHAVE: Representatividade, Literatura Infantil, Gênero, Bíblia

AGRADECIMENTOS

O projeto Meninas dos Olhos de Deus só existe graças aos esforços e ao amor de pessoas incríveis que sempre me incentivaram a continuar seguindo em frente e persistindo nos meus sonhos. Sem essas pessoas, esse trabalho não existiria e eu não teria chegado até aqui.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por Seu amor maravilhoso e por todas as bênçãos recebidas. Se hoje meu desejo é que todas as meninas se sintam amadas, suficientes e empoderadas em todos os aspectos das suas vidas, é porque eu sinto Seu amor sem igual por mim em cada detalhe do meu dia. Obrigada!

Gostaria também de agradecer ao meu marido Pedro Calebe que aguentou bravamente cada um dos meus surtos criativos e crises de ansiedade nesse período, oferecendo apoio, amor e compreensão. Obrigada, meu amor, por ser sempre tão parceiro em tudo. Eu te amo e sou grata pelo privilégio de compartilhar minha vida com você.

Um agradecimento especial para minha mãe, minha amiga e parceira, que sempre me apoiou de todas as maneiras e me cercou de bons livros, bons filmes e boa música. Obrigada, mamãe, por tudo. Obrigada por todas vezes que você lutou, mesmo quando não tínhamos condições nenhuma, para que eu tivesse sempre as melhores oportunidades. É um privilégio e uma honra ter você como mãe. Não tenho palavras para expressar o quanto eu te amo.

Aos melhores avós do mundo, muito obrigada! Eu sou grata, vovô, por todas as vezes em que você me incentivou a acreditar em mim e no meu potencial. Obrigada por sempre comprar e elogiar minhas revistinhas ilustradas, mesmo quando ainda eram só rabiscos desproporcionais. E vovó, obrigada por sempre lutar por mim quando a minha fé falhou. Obrigada por me mostrar que vale a pena fazer o que é certo, mesmo quando parece loucura. Obrigada por ser essa mulher maravilhosa, do coração tão gigante: seu amor por todos e sua disposição em servir aos que precisam me inspira. Vocês são incríveis. Eu amo vocês!

Um agradecimento especial para Fernanda, a pessoa mais paciente e incrível que existe. Obrigada, Fernandinha, por sempre apoiar meus projetos malucos e doar do seu tempo, de seus recursos e do seu talento com tanto carinho. Você é uma artista maravilhosa e seu trabalho é inspirador! Esse projeto é tão seu quanto meu! Obrigada!

Também gostaria de agradecer aos meus irmãos por todo apoio e toda parceria, vocês são homens incríveis e eu fico feliz em ter crescido com vocês. Aurora e Serena, minhas pequenas irmãzinhas, eu sou grata pelas vidas de vocês e desejo que vocês saibam que são muito amadas e que não há limites para os sonhos e realizações de vocês! Obrigada por me lembrarem de continuar lutando por todas nós!

Não poderia esquecer de registrar o quanto sou grata pela minha cunhada por dispor do seu tempo e desbravar a Biblioteca Central da UnB em busca de livros para que eu conseguisse finalizar meu trabalho e minhas pesquisas. Obrigada, Bebel!

Por fim, obrigada, Wagner e Selma, por serem professores tão inspiradores e sensacionais. Obrigada pelas sessões de terapia, pelas boas risadas, pelas indicações de bons livros, filmes e músicas e por todas as dicas e ensinamentos que vocês me ofereceram nesse período em que estive aqui. Sou muito grata por ter tido vocês como professores!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. PROBLEMA DE PESQUISA	9
3. JUSTIFICATIVA	10
4. OBJETIVOS	13
4.1 Objetivo Geral	13
4.2 Objetivos Específicos	13
5. REFERENCIAL TEÓRICO	14
5.1 A Literatura Infantil no processo de formação do Leitor	14
5.2 Livros Infantis ilustrados: Um Breve Histórico	16
5.3 Representações da Mulher na Literatura Infantil	18
5.4 A Bíblia Sagrada: Uma breve história	20
5.4.1 Divisão e estruturação da Bíblia	21
5.4.2 Os caminhos da Bíblia Sagrada	22
5.4.3 Adaptações do Texto Sagrado	23
6. METODOLOGIA	25
6.1 Levantamento e Análise Bibliográfica	25
6.2 Seleção de Personagens	25
6.2.1 Débora: Juíza e Comandante de Guerra (Juízes 4)	26
6.2.2 Rute: Companheira fiel (Livro de Rute 1-4)	28
6.3 Adaptação do Texto Bíblico	31
7. DESENVOLVIMENTO	32
7.1. Produção do Livro	32
7.2 O Título: Meninas dos Olhos de Deus	32
7.3 Projeto Gráfico	33
7.3.1 Formato do Livro	33
7.3.2 Técnica	34
7.3.3 Texto e Tipografia	35
7.3.4 Construção das Personagens	36
7.4. REFERÊNCIAS VISUAIS	39
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
9. REFERÊNCIAS	42

10. ANEXOS	45
10.1 Cronograma	45
10.2 Orçamento de Impressão	46

1. INTRODUÇÃO

Segundo estudo conduzido pela ONG Internacional *Save The Children* em outubro de 2016, o Brasil é um dos piores países do mundo para ser menina. Entre 144 nações avaliadas, o país ocupou a 102ª posição no ranking. Foram levados em consideração fatores sociais como acesso à educação, falta de representação feminina na política, mortalidade materna, conclusão do ensino secundário e casamento infantil.

No continente americano, o Brasil fica à frente apenas da Guatemala e Honduras, com grande destaque negativo, uma vez que é um país com renda média superior aos outros países em posições próximas na classificação. O relatório também aponta que a falta de representação feminina no parlamento é uma das principais condições para perpetuação da desigualdade entre meninos e meninas no Brasil, junto ao casamento infantil e a falta de escolaridade. A falta de representação da figura feminina de forma relevante pode ser percebida em todas as esferas da sociedade, e contribui diretamente com a desigualdade de gênero no Brasil e no mundo.

Analisando as obras de Literatura Infantil disponíveis nas livrarias populares, por exemplo, é possível perceber a grande quantidade de protagonistas masculinos em papéis de heróis ou de grande relevância para as narrativas. Em contrapartida, as personagens femininas, quando presentes, são representadas em papéis limitados, submissos, sem grandes aventuras, ambições ou participação ativa no enredo. Em algumas narrativas literárias e audiovisuais, as personagens femininas, mesmo quando são protagonistas, participam menos dos diálogos do enredo do que os personagens masculinos presentes nas produções (MCCABE, 2011).

Tais representações reforçam o discurso de atribuições delimitadas e exclusivas para cada sexo, o que acaba por limitar o potencial das crianças desde muito cedo. Segundo Andressa Botton, os livros infantis possuem poder de influenciar “na constituição da identidade de gênero de crianças que entrem em contato com eles, já que mostram modos de ser menino ou menina, homem ou mulher, bem como ser reconhecido enquanto tal”. (BOTTOM, 2010, p.3) Esses modelos são baseados nos valores da sociedade patriarcal e acabam por contribuir com a perpetuação da difusão

de representações estéticas e comportamentais do que significa “ser mulher”, que definem padrões sociais e estéticos a serem seguidos. A aparência, então, não só passa a definir a posição social da mulher, como influencia também sua visão de si mesma, sua subjetividade e a forma como ela se apresenta ao mundo (TSEËLON, 1995), desde a primeira infância.

A falta de personagens femininos nas obras para crianças também é perceptível em Bíblias Infantis para crianças entre 3 e 6 anos de idade. Na maior parte dos livros do gênero, há destaque para as histórias dos grandes homens da Bíblia, sem mencionar as diversas mulheres e meninas apresentadas na narrativa original, tão relevantes para a história do cristianismo e para a narrativa bíblica quanto os personagens masculinos apresentados nas obras infantis.

Já existem, atualmente, uma série de iniciativas de autores independentes e editoras em produzir obras e materiais para crianças com representações mais igualitárias de gênero, de modo a apresentar novas possibilidades de “ser mulher” e “ser homem” em um mercado tão saturado de representações de gênero estereotipadas. Essas iniciativas, porém, ainda não chegaram à literatura cristã voltada para crianças.

Segundo Regina Zilberman, “a leitura acontece quando a imaginação é convocada a trabalhar junto com o intelecto, responsável pelas operações de decodificação e entendimento de um texto” (2008. p.18). A leitura e a literatura, portanto, possuem papel fundamental no desenvolvimento cognitivo da criança e merece atenção. Partindo desses princípios, a proposta do produto “Meninas dos Olhos de Deus” é reunir histórias de mulheres da Bíblia Sagrada de forma adaptada para o público de 3 a 6 anos de idade, na forma de um livro ilustrado, com linguagem acessível e facilitada para meninas e meninos. O objetivo é apresentar para crianças cristãs exemplos de mulheres fortes, e o legado que elas deixaram na história do cristianismo.

2. PROBLEMA DE PESQUISA

O desejo de produzir um livro infantil com histórias das mulheres da Bíblia surgiu quando procurei Bíblias Infantis para minha irmã de 3 anos de idade. Uma rápida análise das obras disponíveis para o público entre 3 e 6 anos nas livrarias populares, revelou que a maior parte dos livros destacava apenas histórias de personagens masculinos da Bíblia Sagrada, sem espaço para as mulheres presentes na narrativa bíblica ou para suas conquistas e realizações.

É por meio das histórias bíblicas, geralmente difundidas em livros infantis próprios para cada idade, que a maior parte das crianças tem o primeiro contato com o universo teológico e com os valores da cultura cristã (SOARES, 2006. p.12). Tendo em vista que a Bíblia Sagrada possui várias personagens femininas relevantes, não apenas para a narrativa bíblica, mas para o contexto histórico do cristianismo em geral, a ausência dessas mulheres e meninas nos livros infantis é mais um obstáculo para o empoderamento infantil e para a igualdade de gênero.

Ao invés de apresentar para as crianças possibilidades de desenvolvimento e releituras da realidade, as Bíblias para crianças acabam por reforçar estereótipos potencialmente prejudiciais para o desenvolvimento das crianças ao não apresentar personagens femininas relevantes. No Cristianismo protestante, por exemplo ainda existem muitas heranças conservadoras de um histórico repleto de tradição e costumes. Somente nos últimos anos a Igreja Evangélica Protestante tomou parte nas importantes discussões a respeito dos papéis de gênero e da importância de reavaliar como as mulheres são representadas e tratadas na Instituição.

Considerando o contexto histórico-social de desigualdade de gênero no Brasil, é importante discutir como as representações das mulheres nas mídias, nos produtos culturais e nas esferas de poder interferem na construção da identidade das meninas: de que forma essas imagens e discursos afetam a percepção de realidade da criança? De que forma as representações podem interferir na percepção de si mesma e de possibilidades de futuro? O trabalho foi desenvolvido a partir desses questionamentos.

3. JUSTIFICATIVA

Segundo dados da última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD - 2013), divulgada pelo IBGE, as mulheres representam 51,4% da população brasileira, com um total de 103,5 milhões de habitantes do sexo feminino no Brasil. Apesar de representarem mais da metade da população no Brasil, no Congresso Nacional, a quantidade de mulheres eleitas é muito inferior à de homens, conforme levantamento de dados da Secretaria de Políticas para Mulheres (SPM) em 2014. Dos 81 senadores eleitos para a Casa Legislativa, apenas 12 são do sexo feminino. Na Câmara dos deputados, elas ocupam 50 cargos entre os 512 parlamentares da casa.

A falta de representatividade feminina nas esferas de poder reflete as desigualdades presentes na própria sociedade brasileira. Segundo Salette Rosa Pezzi dos Santos, “o século XIX irá determinar, cada vez mais acentuadamente, limites inflexíveis entre o *eu* público e o privado, de forma a fixar as diferenças de gênero em aspectos presumivelmente naturais e inalteráveis.” (2009. p.158). Ainda hoje a educação feminina é voltada, desde a primeira infância, à ocupação do espaço doméstico, uma vez que ainda se atribui à mulher a responsabilidade de cuidar do lar e da família.

Os papéis tradicionais de gênero têm sido amplamente questionados nos últimos anos, principalmente em razão da ascensão do movimento feminista, mas a disparidade de gênero ainda é uma realidade no Brasil. Apesar de revelar maior participação das mulheres no mercado de trabalho, por exemplo, o PNAD (2013) apontou que as mulheres apresentam aproximadamente 74% do rendimento médio dos homens, mesmo com tempo superior de estudo: o tempo médio de estudo dos homens é de 7,5 anos, enquanto o tempo das mulheres é de 8 anos.

No atual contexto histórico e social do Brasil, as novas plataformas de comunicação, como as redes sociais, proporcionaram um espaço democrático de expressão para os grupos sub-representados nos tradicionais meios de comunicação. Segmentos da sociedade que antes não encontravam espaço para expressar suas reais necessidades e anseios, como as mulheres, passam a ter não apenas um espaço

de fala, mas também a possibilidade de produzir, criar e distribuir, colaborativamente, produtos que atendam suas expectativas e possibilitem identificação com o que está sendo representado, a exemplo das plataformas de financiamento coletivo.

Em 2016, a ilustradora Pri Ferrari desenvolveu o livro *Coisa de Menina*, voltado para crianças entre 3 e 6 anos de idade. A obra ilustra as diversas atividades e possibilidades de realizações para garotas, desconstruindo a ideia de papéis de gênero fixos, socialmente disseminados e aceitos. Porém, como os custos de impressão do produto ficaram muito elevados, e não havia nenhum patrocínio ou apoio de editoras, ela utilizou a plataforma de financiamento colaborativo, *Catarse*, para levantar a quantia necessária para produzir mil exemplares do livro (Em: <goo.gl/jHNduh>. Acesso em: 11 Abril 2017).

A repercussão do projeto na internet foi tão grande que, antes que a campanha de arrecadação chegasse ao fim, a jovem conseguiu 158% do valor inicialmente proposto, segundo a plataforma (em: <https://www.catarse.me/coisademenina>>. Acesso em: 11 abril 2017). Ainda em 2016, a Companhia das Letrinhas, do Grupo editorial Companhia das Letras, adquiriu os direitos de publicação e lançou o livro em todo o Brasil. O sucesso da iniciativa da artista Pri Ferreiro e de outras publicações e editoras independentes no Brasil e no mundo, mostra a crescente preocupação com a desigualdade de gênero presente discursos e representações em conteúdos voltados para o público infantil.

Segundo Regina Zilberman, a obra literária é uma forma da criança alcançar maior compreensão da realidade e de si mesma (1982, p.13). Então, para promover a conscientização e empoderamento feminino é necessário iniciar o diálogo sobre as várias possibilidades de “ser mulher” e “ser homem” desde a primeira infância, quando a identidade e o conjunto de valores do indivíduo ainda estão em construção. Como parte do universo de referências e representações oferecidas para as crianças, a literatura infantil passa a ser uma ferramenta importante nesse processo:

Em movimento de ajustes sutis e constantes, a literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do

imaginário coletivo, que a literatura torna-se fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem. (LAJOLO, 2005. p.26-27)

A produção de um livro com histórias de mulheres da Bíblia voltado para crianças entre 3 e 6 anos de idade, principalmente meninas, é uma forma de preencher a lacuna que existe atualmente no mercado editorial cristão. Ao eleger ângulos femininos para abordar e traduzir as complexas questões morais, éticas e sociais presentes na Bíblia para as crianças, é possível oferecer não apenas exemplos de conduta cristã, mas também proporcionar reflexões sobre as várias formas de “ser mulher”.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Oferecer, por meio de um livro ilustrado, mais possibilidades de proporcionar representatividade para as meninas cristãs na primeira infância, apresentando mulheres fortes e relevantes da narrativa bíblica, geralmente não apresentadas para crianças dessa idade.

4.2 Objetivos Específicos

1. Motivar meninas a buscar seus sonhos e realizá-los, sejam eles quais forem;
2. Entender o papel da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo, social e psicológico da criança na primeira infância;
3. Incentivar o empoderamento feminino desde a primeira infância;
4. Questionar padrões e imposições que limitam o desenvolvimento da criança e o entendimento de suas capacidades e habilidades;
5. Problematizar a disparidade de gênero na Literatura Infantil.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 A Literatura Infantil no processo de formação do Leitor

“Emprega-se a expressão Literatura Infantil ao conjunto de publicações que em seu conteúdo tenham formas recreativas ou didáticas, ou ambas, e que sejam destinados ao público infantil.” (PAIVA, 2010, p.24). Porém, existem várias questões acerca de produções voltados para crianças, principalmente tendo em vista a construção história da figura da criança e da relevância desses conteúdos para a formação do conjunto de valores e da subjetividade infantil.

Segundo Marisa Lajolo, a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção da história, uma vez que o reconhecimento de diferentes fases da vida e sua organização sistematizada em segmentos nem sempre existiu (2005, p.25). A distribuição de indivíduos em faixas etárias, na estrutura atual, é resultado de uma série estudos sobre comportamento e consumo. Além de ser necessária para a organização da sociedade, tal distribuição é uma tentativa de atender às necessidades de grupos de acordo com seus hábitos, sentimentos, problemas específicos e características *biofisiopsicológicas* (LAJOLO, 2005, p.27).

Porém, o reconhecimento da *infância*, considerando as necessidades e as características específicas das crianças, surgiu pela primeira vez na sociedade global a partir da metade da Idade Moderna e, como resultado, no mesmo período nasceu a literatura voltada para crianças, no final do século XVII e durante o século XVIII (ZILBERMAN, 1985, p.13), a exemplos das obras de Perrault, entre os anos de 1628 e 1703 na França, e dos irmãos Grimm, na Alemanha. A literatura infantil surgiu, inicialmente, com o papel de ferramenta pragmática de transmissão da moral, dos costumes e ensinamentos da época em que estava inserida.

No Brasil, Figueiredo Pimentel foi o responsável pela publicação do primeiro livro infantil brasileiro, intitulado Contos da Carochinha, em 1894, com traduções e adaptações de alguns contos e histórias populares no mundo (CARVALHO, 1987, p.128). Posteriormente, já no século XX, surge Monteiro Lobato, que representa um marco na literatura infantil brasileira, uma vez que não apenas escreveu e adaptou

histórias para crianças, como também construiu um universo para elas. (CARVALHO, 1987. p.133) Embora se utilizasse do acervo da Literatura Infantil clássica mundial, a principal inspiração de Lobato em suas composições era a própria criança, “suas vivências: suas fantasias, suas aventuras, seus objetos de jogos e brinquedos, suas travessuras e tudo que povoa sua imaginação” (CARVALHO, 1987. p.133). E ao resgatar o folclore e a tradição do povo brasileiro, antes registrada e passada de forma oral, em suas obras, Lobato enriqueceu a literatura infantil no Brasil.

É importante, porém, superar as análises do papel da Literatura baseadas em conceitos e formulações relativos “à natureza” da criança, da mulher, ou de qualquer ente da sociedade, uma vez que tais suposições são restritas às definições binárias e simplistas, já que meninas e meninos não agem, falam ou se comportam de determinada forma naturalmente. (LAJOLO, 2005. p.27)

As meninas não nascem, por exemplo, com gosto particular por vestidos ou cores específicas; em algum momento esses conceitos são ensinados, muitas vezes, por meio das representações presentes no cotidiano da criança (BOTTOM, 2010, p.3) em desenhos, videogames revistas e produções audiovisuais, por meio da interação com adultos e outras crianças e na própria literatura infantil.

O contato com a literatura na primeira fase da infância se dá a partir da transmissão oral, quando adultos leem as histórias para as crianças que acompanham as ilustrações com o olhar (ZILBERMAN, 1985. p.65). O momento da leitura é uma interação importante entre pais e filhos, adultos e crianças, pois proporciona oportunidades de apresentar e discutir questões do cotidiano por meio do lúdico, além de familiarizar a criança com o mundo da escrita e com as construções formais da língua materna, o que contribui diretamente com a alfabetização do indivíduo.

Dúbia, a literatura provoca no leitor um efeito duplo: aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (ZILBERMAN, 2008. p.17)

Portanto, não cabe mais à literatura o papel apenas de transmitir conhecimento e valores fixos, estáticos, mas sim de propiciar experiências que permitam ao leitor

“penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e sua história” (ZILBERMAN. 2008, p. 17), de modo que ele vá além do conhecido e passe, a partir de novas vivências, a entender, questionar e ressignificar sua realidade. Nesse sentido, a literatura, então, passa a ter papel fundamental na formação do leitor (ZILBERMAN. 2008, p. 16) e na construção de sua identidade e seu conjunto de valores. Sobre a importância da literatura infantil na formação das crianças, Bárbara Carvalho (1987) afirma:

A literatura é um fenômeno estético e ideológico, vinculado à cultura e à época. Como veículo educativo e considerando-se a permeabilidade da criança diante dos estímulos e motivações, é considerável o efeito que possa causar no comportamento do leitor em fase de formação. (1987. p.194)

5.2 Livros infantis ilustrados: Um Breve Histórico

Segundo a Associação dos Designers Gráficos, pode-se considerar uma imagem como ilustração quando seu objetivo for "corroborar ou exemplificar o conteúdo de um texto de livro, jornal, revista ou qualquer outro tipo de publicação (2000, p.59)". Não existe consenso em relação às datas de surgimento das primeiras ilustrações, principalmente tendo em vista os diferentes entendimentos a respeito do que é ilustração. (FREITAS, ZIMMERMANN, 2008. p. 2).

Segundo Milton Koji Nakata, as imagens têm servido como elemento complementar narrativo em livros e manuscritos desde aproximadamente 1900 a.C., como é possível observar em “O Livro dos Mortos” (2003), coletânea de orações e rituais do Antigo Egito produzidos em papiros e depositados juntos aos túmulos. As ilustrações dos papiros, além de ornamentarem os textos sagrados, possuíam função complementar no significado do conteúdo textual. Ao longo da história da humanidade, a ilustração apresentou diferentes papéis e aplicações, servindo aos propósitos religiosos, históricos e científicos de cada época.

À medida que surgiram novas técnicas de impressão e reprodução, como a xilografia e, posteriormente, a litografia, por exemplo, a ilustração passou a ganhar mais espaço no mercado editorial, ainda que de forma limitada. A fotografia, por outro

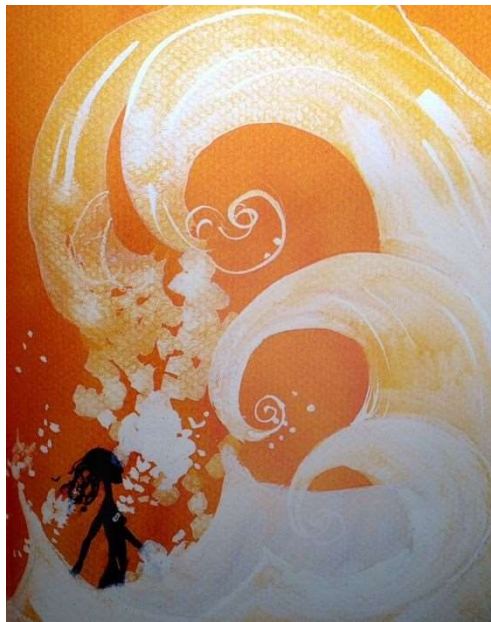
lado, trouxe a possibilidade de reprodução mais realista do cotidiano, o que possibilitou aos ilustradores a liberdade de utilizar-se mais da imaginação do que da reprodução (FREITAS, ZIMMERMANN, 2008. p. 2). Com o passar dos anos e com o advento de novas tecnologias, surgiram novos campos de atuação para o ilustrador, que passou a contar com a computação gráfica, com a expansão das mídias digitais e das ferramentas de trabalho disponíveis no mercado.

Segundo Anelise Zimmermann (2008), é possível considerar os livros religiosos, cartilhas escolares, enciclopédias e gramáticas com imagens como sendo precursores do livro infantil ilustrado. Os autores das ilustrações de obras do gênero permaneciam, em sua maioria, no anonimato. No final do século XVII (1697), porém, Charles Perrault publicou seu livro de contos de fadas ilustrado por Gustavo Doré, com imagens em preto e branco em ricos detalhes. Os irmãos Grimm, já no século XIX, tiveram o apoio das ilustrações de George Cruikshank (1823) em sua publicação de contos populares da Alemanha. Em 1865, Lewis Carrol publicou sua obra mais conhecida, *Alice no País das Maravilhas*, ilustrado por John Tenniel (FREITAS, ZIMMERMANN, 2008. p.6). Os ilustradores, então, passam a ter destaque junto aos autores nas obras publicadas.



Le Petit Chaperon rouge (Chapeuzinho Vermelho) de 1697 por Gustave Doré.

No Brasil, é apenas no final do século XX que a ilustração começa a receber destaque enquanto parte integrante do livro infantil, e segundo Zimmermann “nomes de ilustradores passam finalmente a serem conhecidos, como Eva Furnari, Elvira Vigna, Rui de Oliveira, Roger Mello, Graça Lima, Ciça Fittipaldi, Nelson Cruz, entre outros.” (2008. p.6). Surgiram também ilustradores autores, como Ziraldo, criador do clássico *O Menino Maluquinho*, de 1980.



Assombrações da Água, com texto de Lúcia Pimentel Góes e ilustrações de Graça Lima e Roger Mello

5.3 Representações da Mulher na Literatura Infantil

A socióloga Janice McCabe, da Universidade do Estado da Flórida, conduziu em 2011 um estudo sobre a disparidade de gênero em livros infantis do século XX. Mais de 6 mil obras publicadas entre os anos 1900 e 2000 foram analisadas e grande parte dos títulos apresentavam protagonistas masculinos, com uma porcentagem de 57% dos livros lançados anualmente, enquanto apenas 31% apresentavam protagonistas femininos.

“O amplo padrão de sub-representatividade das mulheres que encontramos reforça a crença que personagens femininos são menos importantes e interessantes

que os personagens masculinos.” McCabe diz. Ela defende que esses padrões de representações femininas na Literatura infantil podem contribuir diretamente com o senso de inferioridade feminina já tão presente na sociedade moderna. A falta de representatividade é potencialmente prejudicial uma vez que os padrões de dominância masculina já estão amplamente presentes em outros aspectos da vida das crianças em desenhos animados, jogos e até livros de colorir. (MCCABE, 2011).

São representações e afirmações, muitas vezes, sutis, que refletem uma sociedade em que as relações entre os sexos ainda são, antes de tudo, relações de poder. Existe uma distinção entre o valor social de homens e mulheres, ainda consideradas entes de menor importância. (SANTOS, 2009. p.159) A naturalização desse discurso contribui com a perpetuação da desigualdade entre os gêneros na sociedade. Sobre o assunto, Andressa Botton afirma:

É preciso atentar aos discursos que estão diariamente nos constituindo e às nossas crianças, pois não são independentes, nem neutros e influenciarão a constituição subjetiva das crianças juntamente com os discursos familiares, escolares e da mídia, sendo sempre reprodutores das características do meio social no qual se formam. Devemos, então, parar de encarar os dispositivos de informação de maneira inocente, como mostramos que estão longe de ser os discursos dos livros infantis. (2010, p.3)

Em contrapartida, a partir dos anos 1980, é possível observar a ascensão da produção literária de autoria feminina no Brasil. Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Marina Colasanti e Clarice Lispector fazem parte das escritoras que, apesar de não abordarem especificamente temas como o feminismo ou igualdade de gênero em suas obras, já apresentavam protagonistas femininas contestadoras ao público infantil e infanto-juvenil.

Bisa Bia, Bisa Bel (1981), de Ana Maria Machado, por exemplo, conta a história de Isabel, personagem narradora que, a partir do relacionamento com sua Bisavó conservadora e com sua bisneta do futuro, Beta, questiona padrões e descobre a si mesma. A partir do contraponto que se estabelece no confronto entre as vivências de Isabel, de sua bisavó Bia e de sua bisneta Beta, a autora oferece para as meninas uma lição sobre a necessidade de considerar as várias formas de se viver, levando em consideração os valores do passado, as possibilidades do futuro e os desafios do

presente. Sobre essas percepções, SANTOS afirma que “essa capacidade de relativizar circunstâncias de vida só se concretiza à medida que a menina entende que há formas diferentes de perceber o mundo, que não há respostas definitivas, e que convenções fixas podem ser mudadas.” (2009. p.163).

Em um contexto em que as meninas são constantemente influenciadas a desempenhar atividades que estejam de acordo com os padrões de gênero estereotipados da sociedade, obras como *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), além de reconhecido valor estético (SANTOS. 2009. p.155), também possuem um papel relevante enquanto ferramenta de construção de discursos que valorizem a figura feminina e possibilitem um novo entendimento social a respeito do que é ser mulher.

No início do século XX, antes da ascensão do movimento feminista, as mulheres reproduziam comportamentos estereotipados sem questionamentos, uma vez que não existiam perspectivas ou sequer expectativas a respeito de outras realizações femininas que não as conquistadas por meio do casamento, da maternidade e da atuação doméstica para a mulher da época (SANTOS. 2009. p.159). É nesse sentido que as representações midiáticas, culturais e nas esferas de poder atuam: proporcionam novas possibilidades de realizações, vivências e percepções da realidade, da própria subjetividade e das capacidades do indivíduo.

5.4 A Bíblia Sagrada: Uma breve história

A Bíblia Sagrada é um livro bastante singular, desde a sua organização inicial até os dias de hoje, por oferecer várias possibilidades de interpretações e usos, muitas vezes até contraditórios. Apesar de ser um dos livros mais antigos do mundo, ainda figura entre os mais vendidos e possui influência em várias esferas da sociedade e é muito utilizada como fonte de referência e fonte histórica para produções acadêmicas, cinematográficas, culturais e religiosas. A palavra “Bíblia” passou a fazer parte do vocabulário das línguas modernas a partir do francês, mas sua origem é da palavra grega *biblos*, nome dado a uma casca de papiro utilizada nos primeiros escritos sagrados dos cristãos. (GEISLER, NIX. 2006. p.5)

O conteúdo da Bíblia atual foi decidido, quase que em toda sua totalidade, no concílio de Nicéia em 325 d.C., onde se discutiu e organizou a maior parte da doutrina cristã e se determinou as diretrizes para a organização das escrituras. Contudo, a estrutura do livro sagrado passou por reorganizações e reestruturações ao longo de sua história, como no período dos reformadores. A Bíblia utilizada pelos protestantes, por exemplo, possui 66 livros, enquanto a Igreja Católica Romana utiliza a versão com 73 livros. A principal divergência entre as duas correntes é a respeito da canonicidade desses 7 livros, ou seja, se possuem legitimidade enquanto livros inspirados por Deus. Sobre os critérios da canonicidade, os autores Norman Geisler e William Nix afirmam:

Nunca deixaram de existir falsos livros e falsas mensagens. (...) Por representarem ameaça constante, fez-se necessário que o povo de Deus revisse cuidadosamente sua coleção de livros sagrados. (...) São discerníveis cinco critérios básicos, presentes no processo como um todo: 1) O livro é autorizado - afirma vir da parte de Deus? 2) É profético? - foi escrito por um servo de Deus? 3) É digno de confiança - fala a verdade acerca de Deus, do homem, etc? 4) É dinâmico? - Possui o poder de Deus que transforma vidas? 5) É aceito pelo povo de Deus para o qual foi originalmente escrito? (2006. p.66)

5.4.1 Divisão e estruturação da Bíblia

A Bíblia é dividida em Antigo e Novo Testamento. O Antigo Testamento é, em grande parte, herança da cultura judaica (GEISLER, NIX. 2006. p.5) e os livros do Novo Testamento relatam a história de Jesus de Nazaré e do surgimento da Igreja de Cristo, a partir de cartas trocadas entre os apóstolos e discípulos de Jesus, com exceção do livro de Apocalipse, que não se enquadra em nenhuma outra divisão literária da Bíblia.

Os Testamentos são compostos por livros organizados em seções: 4 seções no Antigo e 4 no Novo Testamento, e não possuem nenhuma relação cronológica, nem de enredo ou de confecção entre si, mas são agrupados pelos seus temas. No Antigo Testamento, a divisão se dá da seguinte forma: Pentateuco, ou livros da lei; Livros poéticos; livros históricos e livros dos profetas maiores e menores. No Novo Testamento, os livros são agrupados em: Evangelhos; História; Epístolas (ou cartas) e Livro de Profecia. (GEISLER, NIX. 2006. p.7)

Até 1227 d.C., a Bíblia não era tida nenhuma divisão interna, porém, para facilitar a tarefa de citar as escrituras, Stephen Langton, professor da Universidade de Paris e posteriormente bispo da Cantuária dividiu os livros em capítulos. Em 1551 d.C. Robert Stephanus, impressor parisiense, fez a divisão dos capítulos em versículos (GEISLER, NIX. 2006. p.9) facilitando a leitura e o estudo do conteúdo bíblico.

5.4.2 Os caminhos da Bíblia Sagrada

Segundo a Bíblia de Estudo de Genebra, os caminhos percorridos pela Bíblia, de seus autores até os dias de hoje, totalizam aproximadamente 3000 anos, quando Moisés, a quem é atribuída a autoria do Pentateuco - os cinco primeiros livros da Bíblia cristã e judaica - começou seus registros. Os livros são: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio e são conhecidos como Livro da Lei, Pentateuco ou Livro de Moisés.

O Antigo Testamento foi escrito basicamente em línguas semíticas, como o Hebraico e o Aramaico, sendo a primeira a língua do povo hebreu e a segunda, idioma dos sírios, que dominaram os hebreus por aproximadamente 400 anos. O Novo Testamento, por outro lado, foi escrito em grego koiné, variação do grego muito utilizada para a comunicação no mediterrâneo (GEISLER, NIX. 2006. p.125).

Após o fim das perseguições aos cristãos, existiram algumas tentativas de padronizar a Bíblia. Como resultado desse movimento, surgiu a Bíblia Vulgata, traduzida em latim, quase inteiramente, por São Jerônimo (GEISLER, NIX. 2006. p.160), e também a Septuaginta, tradução da Bíblia hebraica para o grego (GEISLER, NIX. 2006. p.196). As traduções da narrativa bíblica para o português só surgiram depois de 1681 d.c, como resultado dos esforços de João Ferreira de Almeida, que traduziu e publicou a primeira versão do Novo Testamento em português e começou a traduzir o Velho Testamento, mas morreu sem concluir seu trabalho. Jacobus op den Akker, pastor e colega de Almeida, foi o responsável por finalizar a tradução do Velho Testamento. A Bíblia em português completa, em um único volume, só foi publicada em 1819, e em meados do século XX, no Brasil, o texto foi revisado e atualizado. (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2013).

5.4.3 Adaptações do Texto Sagrado

Segundo Konings (2011, p.18, apud CLEMENTE, p.227), uma tradução pode apresentar várias versões, uma vez que a traduzir é transpor o texto de um idioma para o outro, e a versão é a formulação do texto de outra forma. Nesse contexto, a Bíblia possui várias traduções e várias versões, uma vez que ao longo de sua história, a narrativa foi traduzida para várias línguas e dessas traduções surgiram versões para alcançar diversos públicos.

A Nova Versão Internacional (NVI), por exemplo, é uma das traduções mais modernas da Bíblia Sagrada, e tem como propósito apresentar o texto bíblico em uma linguagem mais acessível e comum, de modo a facilitar o entendimento do conteúdo sem perder a essência e excelência do texto original.

Segundo Abraão de Almeida e Jefferson Magno Costa na Bíblia de Referência Thompson, a Nova Versão Internacional é resultado dos esforços de uma comissão, coordenada pelo Rev. Luiz Sayão, constituída por especialistas em grego, hebraico, aramaico e português com patrocínio da Sociedade Bíblica do Brasil. Ao contrário de outras versões em português existentes, a Nova Versão Internacional é uma tradução das cópias dos manuscritos originais - que não existem mais, restando apenas as cópias - e não das traduções já existentes no Brasil e no mundo (1992. p.1377-1349).

Existem várias edições da Bíblia voltadas para públicos específicos: adolescentes, homens, mulheres, mães, pais, etc. Além do texto bíblico, cada obra apresenta um conjunto de textos e estudos extras voltados para cada grupo específico. São notas de rodapé, contextualizações, estudos introdutórios ou explicativos sobre cada livro ou personagem apresentado e outros paratextos que fazem referência ao universo do leitor a que se destina. São elementos que facilitam a leitura, permitem a aplicação pessoal do conteúdo bíblico e facilitam a compreensão do contexto histórico e social do texto, que pode variar em traduções, mas permanece basicamente o mesmo (2013, CLEMENTE, p.234).

Para o público infantil, especificamente, existem adaptações da Bíblia, com supressão de conteúdo, uma vez que não apresenta todo o conteúdo do texto bíblico

adaptado para crianças. (2013, CLEMENTE, p.235). As adaptações bíblicas infantis apresentam textos mais enxutos e de fácil compreensão, o que possibilita à criança estabelecer vínculos com a narrativa e compreender, pelo menos em parte, o que é apresentado.

Segundo Thalita Fernandes Clemente, “a leitura da adaptação antes do texto tradicional configura, então, um rito de passagem que possibilita ao leitor, de qualquer idade, uma compreensão mais clara e objetiva da obra” (2013. p.235). É importante ressaltar, porém, que apesar de ser um primeiro contato da criança com a Bíblia, ler a adaptação não é ler o original. À medida que o indivíduo cresce, é necessário adequar a leitura dos textos bíblicos de acordo com a faixa etária e oferecer novas adaptações e versões da Bíblia.

6. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em quatro etapas distintas: levantamento e análise bibliográfica; seleção e pesquisa do contexto histórico-social e de referências visuais das personagens; adaptação do texto bíblico para linguagem literária infantil e, por último, produção do livro em si.

6.1 Levantamento e Análise Bibliográfica

A primeira parte do projeto consistiu em fazer um levantamento bibliográfico de livros, artigos, pesquisas, dissertações e materiais de estudo relevantes para as questões relacionadas ao tema e proposta do trabalho. A partir da leitura e análise do material selecionado, foi possível aprofundar a pesquisa por meio das referências bibliográficas encontradas nos próprios textos inicialmente selecionados, com os autores referência em suas áreas de atuação que foram utilizados como base.

Os temas inicialmente pesquisados foram: representações femininas na literatura infantil; representação feminina na mídia e nas esferas de poder; literatura infantil e o processo de formação das crianças; o papel da literatura na escola e na educação infantil; traduções e adaptações da Bíblia; papel da Bíblia Infantil na formação de crianças cristãs. A partir da seleção dos resultados da pesquisa, cheguei à atual composição das referências bibliográficas que serviram como base de todo o trabalho e auxiliaram na produção do livro, desde as ilustrações até a composição e apresentação das personagens.

6.2 Seleção de Personagens

As personagens escolhidas para compor o livro foram selecionadas a partir de uma avaliação das figuras femininas da narrativa Bíblia e o impacto que tiveram na minha formação enquanto mulher e enquanto cristã. Os critérios para escolha foram: relevância no contexto social e histórico retratado e protagonismo (Elas ocupam o papel principal na narrativa em que estão inseridas? Possuem espaço de fala? Elas tomam parte em quantas ações descritas nos capítulos?).

Inicialmente, selecionei 6 personagens que geralmente não são retratadas em Bíblias Infantis para crianças entre 3 e 6 anos: Joquebede, Miriã, Débora, Ester e Rute. Porém, levando em consideração a quantidade de páginas ideais para o público pretendido - entre 30 e 45 páginas -, a extensão das histórias das mulheres inicialmente escolhidas e os prazos para finalização do livro, o projeto ficaria inviável. Após segunda avaliação, escolhi as personagens Débora e Rute, por estarem historicamente próximas e apresentarem todas as características inicialmente observadas.

6.2.1 Débora: Juíza e Comandante de Guerra (Juízes 4)

A história de Débora é narrada no livro de Juízes, de autoria desconhecida. Segundo a Bíblia de Estudo de Genebra, os acontecimentos narrados em Juízes abrangem um período de aproximadamente 350 anos, desde a conquista de Canaã até pouco antes do nascimento de Samuel, sacerdote que ungiu o primeiro Rei de Israel. O livro conta a história dos dez juízes que Deus enviou para libertar o povo de diversos opressores, como líderes e profetas quando Israel ainda não era uma monarquia. (2009. p. 309) A função dos juízes era militar, não jurídica. Cabia a eles repassar estratégias de guerra vindas de Deus e guiar os homens em batalhas.

Débora era profetisa e juíza dos israelitas naquele tempo. No capítulo 4 de Juízes, no versículo 4, há uma breve menção ao marido de Débora, Lapidote, o que indica que além de exercer a função de liderança de Israel como juíza, ela também possuía funções domésticas enquanto esposa, segundo a tradição da época. Além de ter sido a única mulher a ocupar a posição de juíza, Débora também foi a única que exerceu um papel explicitamente jurídico (Juízes 4:5).

Diariamente, Débora sentava-se debaixo de uma palmeira entre a cidade de Ramá e Betel, na região montanhosa de Efraim, para julgar questões jurídicas e contendas do cotidiano trazidas pelos israelitas. Um dia, ela mandou chamar Baraque, filho de Abinoão, que estava na cidade de Quedes, território da tribo de Naftali, e lhe disse:

'O Senhor, o Deus de Israel, lhe ordena que reúna dez mil homens de Naftali e Zebulom e vá ao monte Tabor. Ele fará que Sísera, o comandante do exército de Jabim, vá atacá-lo, com seus carros de guerra e tropas, junto ao rio Quisom, e os entregará em suas mãos'.

"Baraque disse a ela: 'Se você for comigo, irei; mas, se não for, não irei'.

Respondeu Débora: 'Está bem, irei com você. Mas saiba que, por causa do seu modo de agir, a honra não será sua; porque o Senhor entregará Sísera nas mãos de uma mulher'." (Juízes 4:6-9. Nova Versão Internacional)

Débora foi até a cidade de Quedes, onde Baraque convocou as tribos de Zebulom e Naftali para guerrear contra Sísera, comandante do exército de Jabim, rei de Canaã. O comandante, então, ao saber o que estava acontecendo, reuniu todos os seus homens e novecentos carros de ferro e partiu em direção à região do monte Tabor, onde estava o exército de Israel.

Débora disse: "Vá! Este é o dia em que o Senhor entregou Sísera em suas mãos. O Senhor está indo à sua frente!" (Juízes 4:14. Nova Versão Internacional)

Baraque, então, desceu o monte com seus dez mil homens. Deus fez com que houvesse uma grande confusão no meio dos soldados e carros do comandante Sísera, e o exército de Israel perseguiu e destruiu todo o exército, com exceção de Sísera, que fugiu à pé e se escondeu. A família de Héber, o queneu, estava acampada nas proximidades do conflito. Sísera, então, escondeu-se na tenda deles e foi recebido por Jael, esposa de Héber, que aguardou o comandante dormir e o matou (Juízes 4:18-21. Nova Versão Internacional). A vitória completa, portanto, foi graças à Débora, que comandou o exército israelita e à Jael, que utilizou-se da inteligência e estratégia para matar Sísera, não de Baraque, conforme Débora havia afirmado antes da batalha.

Segundo comentários da Bíblia de Estudo de Genebra, Baraque "não teve fé na Palavra de Deus e considerou que se tratava de uma missão suicida" (2009. p.316). Porém, seu respeito e consideração por Débora eram tão elevados, que ele aceitou ir à batalha, desde ela fosse à frente, comandando o exército, mesmo que isso significasse

uma desonra, uma vez que “era uma vergonha enorme para um guerreiro ter sua honra entregue à uma mulher que lutasse em seu lugar.” (2009. p.316)

6.2.2 Rute: Companheira fiel (Livro de Rute 1-4)

A história de Rute se passa no período histórico da regência dos juízes em Israel. Houve um período de grande fome em Israel, e um homem chamado Elimeleque levou sua esposa Noemi e seus dois filhos para Moabe, na região central da Transjordânia. Após algum tempo, ele acabou por falecer, deixando Noemi e seus dois filhos, que se casaram com duas mulheres moabitas: Rute e Orfa. Todos viveram juntos por 10 anos nas terras de Moabe. Porém, os dois jovens, Quiliom e Malom, também vieram a falecer, deixando Noemi desamparada da proteção de um marido ou de seus filhos.

Quando ouviu falar que havia cessado o período de fome em Israel, Noemi decidiu voltar para sua terra e disse a Rute e Orfa que voltassem para suas famílias, para serem amparadas, uma vez que os laços de casamento que as unia já não existia e Noemi já não tinha o que oferecer. Após um momento de muita tristeza e resistência, Orfa despediu-se de sua sogra e voltou a viver com sua família, mas Rute decidiu não abandoná-la sozinha e, muito apegada e leal, respondeu:

“Não insistas comigo que te deixe e não mais a acompanhe. Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus!

Onde morreres morrerei, e ali serei sepultada. Que o Senhor me castigue com todo o rigor, se outra coisa que não a morte me separar de ti.” (Rute 1:16,17. Nova Versão Internacional). Noemi, ao perceber que Rute estava determinada, não insistiu mais. Elas chegaram à Belém no início do período de colheita da Cevada.

Havia um costume entre o povo de Israel que permitia aos pobres e desamparados o direito de colher restos das produções agrícolas que, porventura, fossem deixadas para trás pelos ceifeiros. Rute, decidida a sustentar sua sogra debilitada, partiu em direção aos campos para recolher mantimentos para as duas e acabou por adentrar os campos de Boaz, um parente rico e influente de Elimeleque,

falecido marido de Noemi. Boaz passeava pelos campos quando avistou Rute e se encantou da moça imediatamente. Perguntou a um de seus empregados quem era ela e ele lhe respondeu: “ É uma moabita que voltou de Moabe com Noemi. Ela me pediu que a deixasse recolher e juntar espigas entre os feixes, após os ceifeiros. Ela chegou cedo e está de pé até agora. Só sentou-se um pouco no abrigo” (Rute 2:6-7. Nova Versão Internacional).

“Disse então Boaz a Rute: ‘Ouça bem, minha filha, não vá colher noutra lavoura, nem se afaste daqui. Fique com minhas servas. Preste atenção onde os homens estão ceifando, e vá atrás das moças que vão colher. Darei ordem aos rapazes para que não toquem em você. Quando tiver sede, beba da água dos potes que os rapazes encheram’.

Ela se inclinou e, prostrada rosto em terra, exclamou: ‘Por que achei favor a seus olhos, a ponto de o senhor se importar comigo, uma estrangeira?’

Boaz respondeu: ‘Contaram-me tudo o que você tem feito por sua sogra, depois que você perdeu o marido: como deixou seu pai, sua mãe e sua terra natal para viver com um povo que pouco conhecia.

O Senhor lhe retribua o que você tem feito! Que você seja ricamente recompensada pelo Senhor, o Deus de Israel, sob cujas asas você veio buscar refúgio!’

E disse ela: ‘Continue eu a ser bem acolhida, meu senhor! O senhor me deu ânimo e encorajou sua serva — e eu sequer sou como uma de suas servas!’

Na hora da refeição, Boaz lhe disse: ‘Venha cá! Pegue um pedaço de pão e molhe-o no vinagre’. Quando ela se sentou junto aos ceifeiros, Boaz lhe ofereceu grãos tostados. Ela comeu até ficar satisfeita e ainda sobrou.

Quando ela se levantou para recolher, Boaz deu estas ordens a seus servos: ‘Mesmo que ela recolha entre os feixes, não a repreendam!

Pelo contrário, quando estiverem colhendo, tirem para ela algumas espigas dos feixes e deixem-nas cair para que ela as recolha, e não a impeçam’.

E assim Rute colheu na lavoura até o entardecer. Depois debulhou o que tinha ajuntado: quase uma arroba de cevada.

Carregou-o para o povoado, e sua sogra viu o quanto ela havia recolhido quando Rute trouxe e lhe ofereceu o que havia sobrado da refeição.

‘Onde você colheu hoje?’, a sogra lhe perguntou: ‘Onde trabalhou? Bendito seja aquele que se importou com você!’ Então Rute contou à sogra com quem tinha trabalhado: ‘O nome do homem com quem trabalhei hoje é Boaz’.

E Noemi exclamou: ‘Seja ele abençoado pelo Senhor, que não deixa de ser leal e bondoso com os vivos e com os mortos!’ E acrescentou: ‘Aquele homem é nosso parente; é um de nossos resgatadores!’

Continuou Rute, a moabita: ‘Pois ele mesmo me disse também: ‘Fique com os meus ceifeiros até que terminem toda a minha colheita’.

E Noemi aconselhou à sua nora Rute: ‘É melhor mesmo você ir com as servas dele, minha filha. Noutra lavoura poderiam molestá-la’.

Assim Rute ficou com as servas de Boaz para recolher espigas, até acabarem as colheitas de cevada e de trigo. Entretanto, ela ficou morando com a sua sogra.” (Rute 2:1-23. Nova Versão Internacional)

Noemi, percebendo que Boaz e Rute estavam encantados um pelo outro, orientou Rute à procurá-lo nos campos pela noite, quando ele fosse supervisionar os campos e deitar-se aos seus pés quando ele já estivesse adormecido. Rute fez conforme as orientações de sua sogra. No meio da noite, Boaz acordou assustado com a moça adormecida aos seus pés e Rute explicou sua situação e porque estava lá.

Boaz, encantado com a lealdade e determinação da moça, deu a ela provisões para levar à sua sogra e dispensou-a de modo a não ferir sua honra e nem sua imagem, prometendo que tomaria providências para solucionar as aflições das duas viúvas, Rute e Noemi.

Após negociar com os novos donos da terra que pertencia à família de Noemi, Boaz declarou publicamente seu compromisso com Rute e o desejo de se casar com ela. Após ser abençoado pelos sábios anciãos da cidade, ele tomou Rute por sua esposa e eles foram muito felizes em seu casamento.

Rute, estrangeira e criado com costumes diferentes do povo de Israel, é parte fundamental da genealogia do Rei Davi e, portanto, do próprio Jesus. Por sua lealdade e determinação em sustentar a si mesma e a sua sogra, a quem já não devia nenhuma obrigação legal, ela conquistou respeito e amor de seu marido Boaz e de seus servos.

6.3 Adaptação do Texto Bíblico

A narrativa do livro “Meninas dos Olhos de Deus” tem como base a Nova Versão Internacional, tradução em português da Bíblia Sagrada, uma vez que a NVI é a versão mais moderna e simplificada do texto bíblico, além de apresentar contextualizações que facilitaram o processo de adaptação da narrativa para o público infantil.

Depois de identificar os principais pontos da narrativa das duas histórias selecionadas, foi realizada a seleção das frases e momentos mais significativos para a narrativa. O objetivo principal era apresentar as personagens ao leitor em um texto curto e objetivo que conversasse com as ilustrações, sem excesso de informações.

Durante o processo de adaptação da história, li os rascunhos para minha irmã mais nova, na época com 4 anos de idade, para observar quais seriam as reações dela ao enredo e aos esboços iniciais das personagens. A partir dessa experiência foi possível identificar as cores e traços preferidos, quais palavras que, apesar de parecerem fáceis para um adulto, ainda não faziam parte do vocabulário dela e precisariam ser modificadas para melhorar a compreensão do conteúdo.

7. DESENVOLVIMENTO

7.1. Produção do Livro

Uma vez finalizada toda parte teórica do presente trabalho e da adaptação do texto bíblico para o produto final, foi produzido um *storyboard* com marcações de posicionamento e distribuição de elementos necessários em cada página da história. A partir disso, a artista plástica Fernanda Campos pintou manualmente, em aquarela, as paisagens e fundos de todas as páginas do livro. Para dar destaque aos personagens principais, ilustrados digitalmente por mim e inseridos na história depois, todos os objetos e personagens secundários foram pintados em aquarela por Fernanda, que se utilizou de técnicas específicas para incorporá-los ao cenário sem grandes destaques.

Finalizado o trabalho de Fernanda, digitalizamos todas as ilustrações em 600dpi, de forma a preservar a textura do papel e as nuances do trabalho da artista, e tratei pequenas imperfeições resultantes do processo de digitalização no Photoshop. Após concluir essa parte do trabalho, illustrei e adaptei os personagens principais aos cenários ilustrados à mão. Como o objetivo do trabalho era misturar técnicas diversas, sem compromissos com realismo, os personagens não foram feitos para simular aquarela.

A diagramação do produto foi realizada no programa Adobe Illustrator, por ser a ferramenta que eu tinha disponível e com a qual eu tenho maior familiaridade. Por não ser um trabalho com grande quantidade de páginas, não precisei trabalhar com o Adobe InDesign.

7.2 O Título: Meninas dos Olhos de Deus

Menina do olho - ou Pupila - é parte do olho responsável pela passagem da luz externa até os órgãos sensoriais da retina. Está situada entre a córnea e o cristalino, na parte central do olho. A outra definição encontrada no Dicionário Houaiss da língua portuguesa é “pessoa ou coisa que é objeto de particular consideração, que é especialmente estimada”. (HOUAISS, 2009. p.1273)

A ideia para o nome do livro surgiu a partir do Salmo 17, versículo 8, da Bíblia sagrada: “Guarda-me como à menina do olho; esconde-me debaixo da sombra das Tuas asas”. Sobre o uso da palavra “Menina dos Olhos’ no salmo do Rei Davi, Charles H. Spurgeon diz:

Parte alguma do corpo é mais preciosa, mais delicada e mais cuidadosamente guardada do que os olhos, e a parte dos olhos que deve ser guardada com maior cuidado é a parte central, a pupila, ou a “menina dos olhos”. O sábio criador colocou os olhos num lugar bem protegido, estão cercados por ossos que protegem como os montes de Jerusalém. Além disso seu grande autor os circuncidou com muitas túnicas interiores, além dos cercados que são as sobrancelhas, as cortinas que são as pestanas e as cercas que são as pálpebras; além disso tudo, Ele deu aos homens um valor tão grande para com seus olhos e uma apreensão de perigo tão instantânea, que parte alguma do corpo é mais fielmente cuidada do que o órgão da visão. (SPURGEON, Charles H. 1988)

O termo “Menina do Olho” aparece 5 vezes em toda Bíblia, apenas no Velho Testamento. No versículo 10 do capítulo 32 do Livro de Deuteronômio está escrito: “Achou-o numa terra deserta, e num ermo solitário cheio de uivos; cercou-o, instruiu-o, e guardou-o como a menina do seu olho.” No livro de Provérbios a expressão aparece no capítulo 7, versículo 2: “Guarda os meus mandamentos e vive; e a minha lei, como a menina dos teus olhos.” O uso do termo ocorre novamente mais a frente, no livro do profeta Zacarias: “Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Depois da glória ele me enviou às nações que vos despojaram; porque aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho” (capítulo 2, versículo 8).

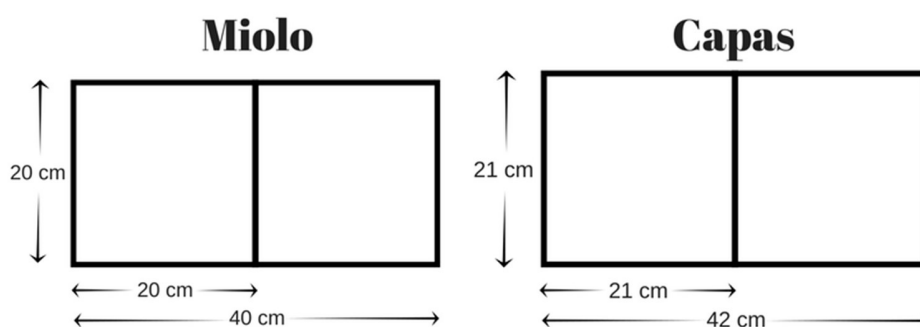
A escolha da expressão “Meninas dos Olhos de Deus” como título do livro se deu pela forma como a definição do termo segundo o dicionário se encaixa com a ideia que as mulheres e meninas retratadas no livro são objeto de afeição de Deus, assim como as crianças as quais o produto é destinado, além de fazer referência ao público primário ao qual o produto se destina: as meninas.

7.3 Projeto Gráfico

7.3.1 Formato do Livro

O formato do livro foi definido tendo em vista a possibilidade de manuseio de forma confortável para crianças menores e viabilidade econômica de produção do produto impresso. O produto impresso é composto por capas em papel supremo 300g,

e miolo em papel couchê fosco em gramatura 170g. As duas capas externas receberam laminação fosca (BOPP) como acabamento de modo a impermeabilizar o papel e oferecer maior resistência para o manuseio das crianças. Além de oferecer um toque sedoso, o material também minimiza marcas de gordura e digitais. A encadernação é em brochura/costura.



7.3.2 Técnica

Após a seleção das personagens e adaptação do texto bíblico para formato de livro infantil, a artista plástica Fernanda Campos e eu tivemos uma reunião para discutir referências visuais para a realização da parte ilustrada do trabalho. A artista ficou responsável por pintar os cenários de fundo de todo o livro em aquarela, a partir de um *storyboard*, onde delimitamos as principais partes de cada história e quais elementos seriam necessário em cada página do produto.

A aquarela tem características específicas e pode ser realizada a partir de diversas técnicas diferentes. Como as paisagens retratadas são, em sua maioria, desertos, optamos por preservar parte da transparência característica da aquarela, porém utilizando menos água na diluição da tinta, permitindo que as cores fiquem mais fortes e as paisagens mais marcantes, sem perder a suavidade ou a textura.

As personagens foram ilustradas digitalmente por mim e inseridas posteriormente em cada página no momento de finalização e diagramação do produto.

7.3.3 Texto e Tipografia

As fontes utilizadas para compor o livro, tanto capas quanto miolo, foram escolhidas para oferecer fácil compreensão e legibilidade, a fim de facilitar a experiência das crianças leitoras ainda em fase de alfabetização.

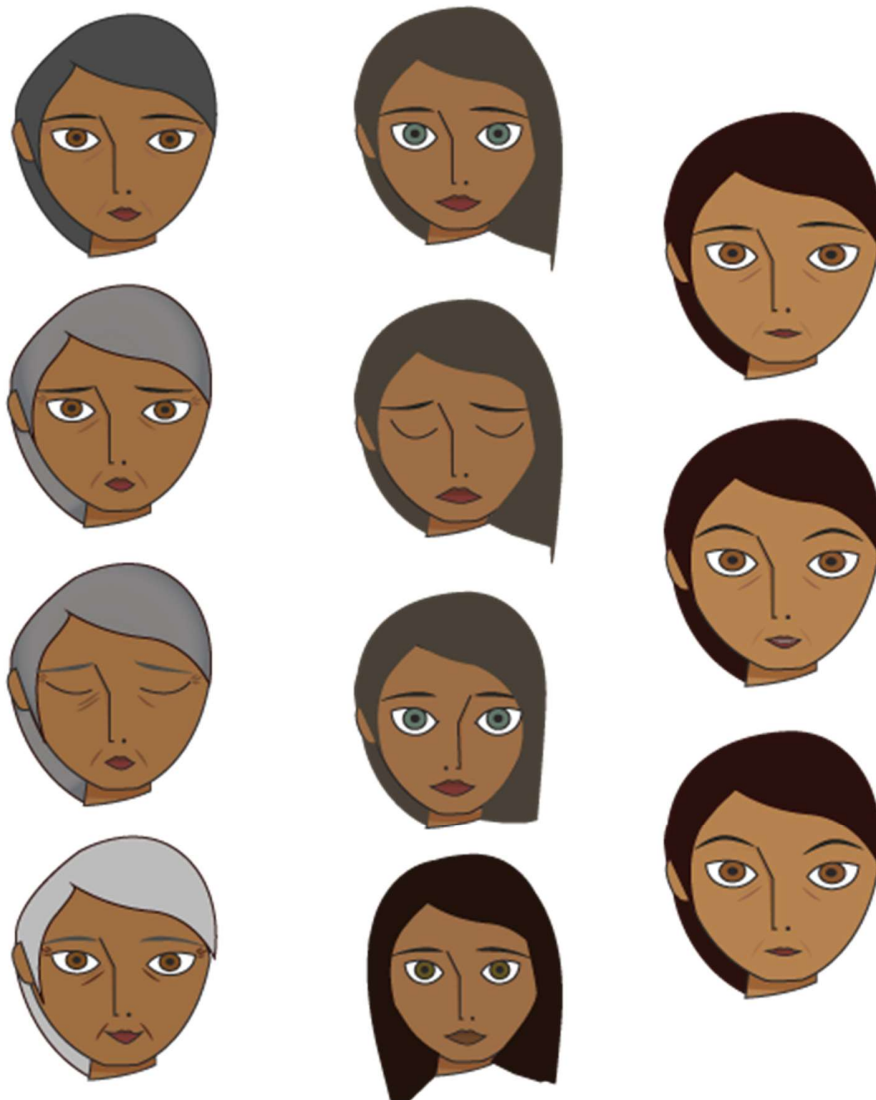
No título utilizei as fontes *Firefly* e *Bromello*, de modo a apresentar uma composição forte e impactante, porém delicada, com o objetivo de chamar a atenção do público alvo e transmitir a ideia geral do livro. A escolha da cor preta do título é para gerar contraste com o fundo colorido da primeira capa.

MENINAS dos OLHOS de DEUS

No interior do livro, optei por utilizar a fonte *Pompierre*, uma fonte mais orgânica, sem serifas, selecionada após alguns testes por harmonizar com os traços das ilustrações e da fluidez da história. As ilustrações foram feitas utilizando apenas o computador, sem mesas digitalizadoras, e os traços dos personagens foram desenhados clique por clique no Adobe Illustrator, utilizando como base imagens dos filmes

abcdefghijklmnopqrstuvwxy
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
0123456789 (!@#\$%&.,?::;)

7.3.4 Construção das Personagens



Testes de Expressões dos personagens: Noemi (4 faces da esquerda), Rute (3 faces centrais superiores), Orfa (face central inferior) e Débora (3 faces da direita..)

Inicialmente, as personagens foram todas desenhadas tendo como referência e base o filme animado *Breadwinner*, da produtora Cartoon Saloon, que será lançado no verão americano, ainda em 2017. Porém, para desenhar as roupas e personagens masculinos da histórias as referências utilizadas foram as animações José: o Rei dos Sonhos (2000) e O Príncipe do Egito (1998).



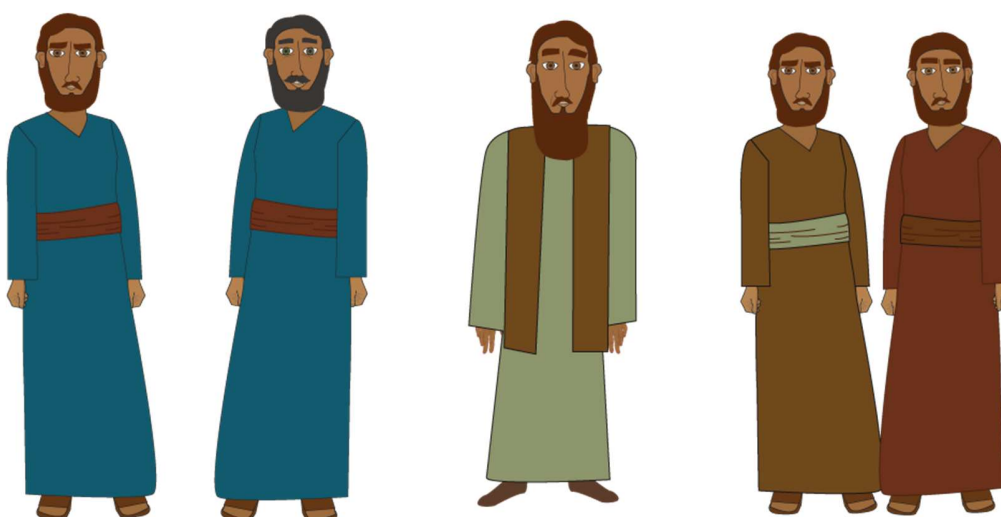
Personagem 1: Débora



Personagem 2: Rute



Personagem 3: Noemi envelhecendo ao longo da história



Boaz (tentativa 1), Boaz (tentativa 2), Elimeleque e os seus dois filhos.



Orfa e Baraque

7.4. REFERÊNCIAS VISUAIS



O Príncipe do Egito (1998), do estúdio DreamWorks.



José o Rei dos Sonhos (2000), do estúdio DreamWorks



The Breadwinner (2017), do estúdio Cartoon Saloon

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar o projeto Meninas dos Olhos de Deus foi, ao mesmo tempo, um desafio e uma honra. Foram muitos meses de leitura e pesquisa, buscando compreender os temas que iriam me auxiliar a entender e direcionar toda a produção do livro, desde a adaptação do texto bíblico até a diagramação final do produto.

Conciliar uma carga de 40 horas semanais de trabalho e estudos exigiu muitas noites e algumas madrugadas dedicadas a desenhar esboços, pensar e repensar o projeto gráfico, buscar referências e, por fim, diagramar o produto. Posso dizer, com muita alegria, que fiquei orgulhosa do resultado e feliz em ter conhecido novos autores, e em ter conhecido novos aspectos da Bíblia, um livro que desde criança tenho contato, mas que continua me surpreendendo a cada nova leitura.

Escrever para o público infantil foi um desafio à parte, uma vez que exigiu certa sensibilidade por se tratar de um público em formação. Porém, tentar entender como as crianças enxergam a realidade e o impacto das referências que as cercam em sua formação foi uma experiência estimulante e enriquecedora.

A partir do trabalho de pesquisa realizado anteriormente ao produto, foi possível concluir que a infância é, de fato, um período delicado uma vez que todos os elementos e referências que cercam os indivíduos nessa fase acabam por influenciar, de uma forma ou de outra, a formação de aspectos emocionais, subjetivos, psicológicos e sociais. Desta forma, não cabe apenas aos pais, mas aos que produzem conteúdos para esse público, a tarefa de não reproduzir padrões e estereótipos, de modo a promover o empoderamento infantil e contribuir com um mundo mais igualitário.

O meu projeto experimental é uma tentativa de contribuir com as pequenas mudanças que estão ocorrendo nas produções de entretenimento para crianças, apresentando personagens femininas fortes e empoderadas da Bíblia para o público infantil.

9. REFERÊNCIAS

ADG. ABC da ADG. *Glossário de termos e verbetes utilizado em design gráfico*. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Referência Thompson*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corr. Compilado e redigido por Frank Charles Thompson. São Paulo: Vida, 1992.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Estudo de Genebra*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Ampliada: 2. Ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BOTTON, Andressa. *A literatura infantil além da inocência: discursos que formatam e reproduzem as diferenças de gênero*. Porto Alegre - RS, Março de 2010. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/vmostra/v_mostra_pdf/psicologia/82534-andressabotton.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2017.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. *A literatura Infantil – Visão Histórica e Crítica – 5ª Ed.* São Paulo: Global, 1987.

CLEMENTE, Thalita Fernandes. Bíblia: adaptar é preciso. *Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos filológicos e linguísticos*. Rio de Janeiro - UERJ, v. XVII, n. 6, p. 227-243, 2013.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FREITAS, Neli Klix; ZIMMERMANN, Anelise. *A ILUSTRAÇÃO DE LIVROS INFANTIS – UMA RETROSPECTIVA HISTÓRICA*. Dapesquisa, Florianópolis - Santa Catarina, v. 2, n. 2, 2008.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução Bíblica: Como a Bíblia chegou até nós*. 6 ed. São Paulo: Vida, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro De Salles; FRANCO, Francisco Manuel De Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro : Objetiva, 2009. p.1273

HYPENESS - *INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE PARA TODOS*. "Coisa de Menina" Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2016/05/coisa-de-menina-brasileira-cria-livro-ilustrado-para-mostrar-que-as-meninas-podem-ser-o-que-elas-quiserem/>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

KONINGS, Johan. *A bíblia, sua origem e sua leitura: Introdução ao estudo da bíblia*. 7. ed. atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6 ed. São Paulo: Ática, 2005.

LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura?* Petrópolis: Vozes, 1969.

MCCABE, Janice; FAIRCHILD, Emily; GRAUERHOLZ, Liz; PESCOSOLIDO, Bernice A.; TOPE, Daniel. *Gender in Twentieth-Century Children's Books: Patterns of Disparity in Titles and Central Characters*. Março de 2011. Flórida, EUA: Sage Journals. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891243211398358>>. Acesso em: 20 de Março de 2017.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002

NAKATA, M.K. A Ilustração não-digital e a ilustração digital: um estudo das etapas da produção para otimização da comunicação. Dissertação (Doutorado em Desenho Industrial) - Universidade Estadual Paulista "Julio Mesquita Filho". Bauru: UNESP, 2003.

PAIVA, Sílvia Cristina Fernandes; OLIVEIRA, Ana Arlinda. *A Literatura Infantil no processo de formação do leitor*. Cadernos da pedagogia, São Carlos - SP, v. 4, n. 7, p. 22-36, jan./jun. 2010.

Pesquisa nacional por amostra de domicílios : Síntese de indicadores 2013 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - 2. ed. - Rio de Janeiro : IBGE, 2015.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi Dos. *Literatura infantil e gênero: subjetividade e autoconhecimento*. Conjectura, Caxias do sul, v. 14, n. 2, p. 155-165, mai./ago. 2009.

SAVE THE CHILDREN. *Until the last girl*. Disponível em: <[http://www.savethechildren.org/atf/cf/{9def2ebe-10ae-432c-9bd0-df91d2eba74a}/every last girl report final.pdf](http://www.savethechildren.org/atf/cf/{9def2ebe-10ae-432c-9bd0-df91d2eba74a}/every%20last%20girl%20report%20final.pdf)>. Acesso em: 20 mar. 2017.

SOARES, Roselara Zimmer. *Histórias da bíblia para crianças: nas bordas do teológico e do lúdico*. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, centro de comunicação e expressão. programa de pós-graduação em literatura, Florianópolis - SC, Janeiro de 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88837>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *João Ferreira de Almeida*. Disponível em: <<http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/joao-ferreira-de-almeida/>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SPURGEON, Charles H. *The Treasury of David: Classic Reflections on Wisdom of the Psalms*. [S.L.]: Hendrickson Publishers, 1988. p. 219

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. *Para mulheres: poder e participação política*. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/poder-e-participacao-politica/dados>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

TSEËLON, Efrat. *The Masque of Femininity*, Londres: Sage Publications, 1995.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 5 ed. São Paulo: Global Editora, 1985.

ZILBERMAN, Regina. *O estatuto da literatura infantil*. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *O Papel da Literatura na Escola*. Via Atlântica, São Paulo, n. 14, p.11-22, Dezembro de 2008. ISSN 2317-8086. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/54486>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

10. ANEXOS

10.1 Cronograma

ATIVIDADE	PREVISÃO	ENTREGA
Levantamento e análise bibliográfica	Até 03/03	10/03
Seleção de Personagens do Livro	Até 15/03	10/03
Redação do referencial teórico	Até 07/04	14/04
Adaptação do texto bíblico	Até 28/04	05/05
Levantamento de Referências Visuais	Até 28/04	14/04
Definição do formato do Livro	Até 28/04	14/04
Definição das técnicas de ilustração	Até 12/05	21/04
Finalizar Projeto Gráfico	Até 12/05	24/05
Fazer ilustrações manuais em aquarela (Artista plástica Fernanda Campos)	Até 26/05	27/05
Fazer ilustrações digitais das personagens (Rebeca Guillardi)	Até 26/05	27/05
Digitalização e tratamento das ilustrações	Até 02/06	09/06
Diagramar o produto	Até 02/06	12/06
Finalizar a redação da Memória de Pesquisa	Até 09/06	12/06
Orçamento de Impressão do Produto	Até 09/06	16/06

10.2 Orçamento de Impressão

ITEM	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO
Impressão Colorida Couche 170g	9	R\$ 6,45
Impressão Colorida AP 90g/120g	9	R\$ 5,30
Corte Bordas/Aplicação Label	9	R\$ 0,60
Laminação BOPP Liso/Fosco/Velvet (Cada lado)	2	R\$4,80
Encadernação Brochura/Costura (Supremo)	1	R\$ 37,50
Impressão Color Especiais 300g	1	R\$ 8,50
Impressão Color AP 120g	1	R\$ 5,30
	TOTAL	R\$ 172,25